

Dialogia educomunicativa nos ecossistemas formativos jornalísticos

Antonia Alves Pereira

Docente da Universidade do Estado de Mato Grosso no curso de Jornalismo e PPG em Ensino em Contexto Indígena Intercultural. Doutora em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Mestra em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo.

E-mail: antoniaalves@unemat.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6437-0874>.

Resumo: O artigo discute os ecossistemas educomunicativos pela dimensão dialógico-cidadã e pronúncia do mundo, por meio dos conceitos de ecossistemas formativos jornalísticos e dialogia educomunicativa no ensino de jornalismo a partir da Educomunicação e Geografias da Comunicação. O referencial teórico-metodológico articula as pedagogias freireanas, a pedagogia do jornalismo e o jornalismo como emancipação cultural ao pensamento de Paulo Freire, Jesús Martín-Barbero e Milton Santos. Os resultados demonstraram que os cursos possibilitam territórios educativos com práticas pedagógico-comunicacionais e extensão dialógica.

Palavras-chave: cursos de jornalismo; educomunicação; territórios educativos; dialogia educomunicativa; emancipação.

Abstract: The article discusses educomunicative ecosystems through the dialogical-citizen dimension and the concept of pronouncing the world, drawing on the notions of journalistic formative ecosystems and educommunicative dialogism in journalism education, based on Educommunication and Communication Geographies. The theoretical-methodological framework articulates Freirean pedagogies, the pedagogy of journalism, and journalism as a form of cultural emancipation, in dialogue with the ideas of Paulo Freire, Jesús Martín-Barbero, and Milton Santos. The results indicate that the courses foster educational territories grounded in pedagogical-communicational practices and dialogical extension.

Keywords: journalism courses; educommunication; educational territories; educommunicative dialogism; emancipation.

Recebido: 12/01/2025

Aprovado: 20/03/2025

1. MOREIRA, Sonia Virgínia. **Geografias da comunicação, uma disciplina.** 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Curitiba, 4-9 set. 2017.

2. SANTOS, Milton. Oretorno do território. In: OSAL: Observatório Social de América Latina. **Territorio y movimientos sociales.** Buenos Aires: CLACSO, 2005. a.6, n.16. p.255-261.

3. SANTOS, Milton et al. **O papel ativo da Geografia:** um manifesto. Encontro Nacional de Geógrafos. Florianópolis, 2000. p. 12.

4. SANTOS, 2005, p. 255.

5. BRASIL. **Resolução CNE/CES nº 7, de 18 de dezembro de 2018.** Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação - PNE 2014-2024. Brasília: Diário Oficial da União, 2018.

6. ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.** Genebra: ONU, 2015. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 6 jan. 2025.

7. CABRAL, Raquel; GHRE, Thiago (org.). **Guia Avenida 2030: integrando ODS, educação e sociedade.** São Paulo: Lucas Fúrio Melara; Raquel Cabral, 2020.

8. BRASIL. **Resolução CNE/CES nº 1/2013, aprovado em 27 de setembro de 2013.** Aprova as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Jornalismo. Brasília: Diário Oficial da União, 2013.

9. FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** São Paulo: Paz & Terra, 2018a. p. 108.

10. MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A comunicação na educação.** Tradução: Maria Immacolata Vassallo de Lopes e Dafne Melo. São Paulo: Contexto, 2014. p. 142.

1. CURSOS DE JORNALISMO COMO POTÊNCIA DE TERRITÓRIOS EDUCATIVOS

Como mergulho transdisciplinar, a Educomunicação e as Geografias da Comunicação¹ podem sedimentar a formação do ecossistema formativo jornalístico pelo conceito da dialogia educomunicativa. Esses conceitos foram elaborados após a identificação do lugar de inserção dos cursos de Jornalismo no território usado², noção que se refere aos usos feitos pelos atores hegemônicos e hegemonizados no espaço geográfico, uma vez que cada um deles o interpreta de maneira diferenciada. Enquanto os primeiros o observam como recurso para garantir seus interesses, os atores hegemonizados o veem como abrigo para recriar estratégias que garantam sua sobrevivência³. Por interesses econômicos, os objetos técnicos que deveriam facilitar a fluidez virtual das ações humanas podem levar à configuração de territórios vulneráveis, que despontam como gritos do território⁴, como ato revolucionário para o exercício de poder e a resistência por meio de contrafluxos aos fluxos informativos e comunicativos hegemônicos.

Esses territórios podem ser beneficiados com a extensão universitária⁵, por meio das ações dos cursos de graduação, para resolver dilemas sociais e que apresentam aderência à Agenda 2030, com seus 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)⁶ e outros 3 que estão em implementação no Brasil⁷, para dar visibilidade aos indivíduos à margem dos usos territoriais. Como nem sempre os lugares dão condições de usufruto aos bens e serviços da malha urbana, os sujeitos ficam à espera de intervenções que possam lhes dar condições de exercer a pronúncia do mundo como emancipação social e empoderamento coletivo. Essa é também uma recomendação das Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Jornalismo⁸ como forma de contribuir com o desenvolvimento local e regional.

De maneira complementar, a inter-relação territorial e comunicacional que perpassa o pensamento de Milton Santos, Paulo Freire e Jesús Martín-Barbero está presente no que eles denominam, respectivamente, território usado, pronúncia do mundo e cidade educadora. Para Freire⁹, a condição para existir em um mundo pronunciado resulta da problematização dos sujeitos pronunciantes, que leva a um novo pronunciar. Como espaço estratégico de cruzamento e interação dos ecossistemas comunicacionais, Martín-Barbero¹⁰ observa a cidade educadora a partir de mapas-projetos, políticas e projetos educativos interculturais. Os autores lançam argumentos para a emergência de territórios educativos nos lugares de inserção dos cursos, que estão imersos num sensório contemporâneo em mutação, e, por sua vez, requerem o uso de mediações para compreender as complexas relações entre comunicação, educação, cultura e política, possibilitando novos pronunciamentos em torno do direito à cidade e à cidadania.

Esse repertório foi aplicado sobre os cursos de Jornalismo do País¹¹ em investigação que revelou a existência de uma dimensão dialógico-cidadã

explícita em alguns e latente em outros. Os projetos pedagógicos de curso e o olhar dos coordenadores de curso contribuíram nessa averiguação, que buscava situar a prática cotidiana na práxis freireana, na pedagogia do jornalismo¹² e no jornalismo como emancipação social¹³.

Com o referencial teórico-metodológico da Educomunicação, fundada no passaporte para a cidadania que levou os países latino-americanos a uma postura crítica e de compromisso político-contestatório¹⁴, esse paradigma foi compreendido como uma epistemologia do Sul¹⁵, por suas ações voltadas à emancipação social, comunicacional e cultural. Isso possibilitou enxergar as práticas da Comunicação e do Jornalismo que integram a lógica da modernidade/colonialidade a partir do movimento de resistência teórico-prática, política e epistemológica que repensa os saberes negados, conhecido pelo conceito de “giro decolonial”, termo cunhado por Nelson Maldonado-Torres, em 2005¹⁶, e vinculado ao grupo Modernidade, Colonialidade e Decolonialidade (MCD), que opta pelo termo decolonial para compreender e atuar no mundo, marcado pela permanência da colonialidade global nos diferentes níveis da vida pessoal e coletiva¹⁷. Embora também seja nossa opção, utilizamos o termo “descolonial” em “giro (multi)territorial descolonial”¹⁸, conforme grafia proposta pelo conceito de Haesbaert para averiguar as relações de saber e de poder que perpassam o território, os múltiplos territórios e os trânsitos entre as territorialidades, e que resultam em multiterritorialidade de práticas, de r-existências e de lutas dos grupos subalternos culturais e territoriais, o que requer um olhar “a partir de baixo”. Apesar das recomendações contrárias que apontam sua associação ao movimento histórico de descolonização, o autor¹⁹ argumenta que ambos visam combater à colonialidade arraigada nas sociedades e que a principal diferença entre eles reside no debate político, mais do que numa distinção conceitual substancial, e, por não haver consenso, julga ser um “debate inglório”.

Com esse panorama situacional, o mapa das mutações contemporâneas²⁰ foi aplicado sobre os espaços de formação para enxergá-los como ecossistema formativo jornalístico, que definimos como um

espaço colaborativo-educomunicativo para fomentar práticas pedagógico-comunicacionais na formação jornalística com ética, escuta, respeito a outros saberes e vivência da interculturalidade em perspectiva emancipatória que envolvem os sujeitos dialógicos para ações de intervenção no território educativo²¹.

Registraramos que sua elaboração partiu de ecossistema comunicativo, um conceito que é utilizado no paradigma da educomunicação para descrever a ambiência comunicacional dos espaços de interação dialógica que envolve os atores sociais em torno da descentralização de vozes, relações horizontais, diálogo social e garantia de acesso aos recursos tecnológicos e midiáticos que devem estar à disposição de todos para o exercício da cidadania.

No contexto dos espaços da formação, esse espaço tende a crescer se sua ambiência for cultivada com zelo por propiciar trocas comunicativas, escuta e prática intervintiva que ampliam os espaços coletivos, participativos e

11. PEREIRA, Antonia Alves. **Formação em jornalismo**: um estudo de projetos pedagógicos e práticas comunicacionais em diferentes regiões brasileiras. 2023. 315 f. Tese (Programa de Comunicação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

12. MEDITSCH, Eduardo; KRONBAUER, Janaíne; BEZERRA, Juliana Freire. (org.). **Pedagogia do jornalismo**: desafios, experiências e inovações. Florianópolis: Insular, 2020.

13. OLIVEIRA, Dennis de. **Jornalismo e emancipação**: uma prática jornalística baseada em Paulo Freire. Curitiba: Appris, 2017.

14. MARQUES DE MELO, José. **Comunicação**: teoria e política. São Paulo: Summus, 1985. p. 11.

15. ROSA, Rosane. Epistemologias do Sul: desafios teórico-metodológicos da educomunicação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 2, n. 25, p. 20-30, 2020. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v25i2p20-30>

16. MIGNOLO, Walter. **Desobediencia epistémica**: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad. Argentina: Ediciones del Signo, 2010.

17. BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciéncia Política**, Brasília, n. 11. p. 89-117, 2013. p. 90.

18. HAESBAERT, Rogério. **Territorio e descolonialidade**: sobre o giro (multi)territorial/de(s)colonial na América Latina. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Clacso; Niterói: PPGG-UFF, 2021. p. 139-142; 155.

19. *Ibid.*, p. 94.

20. RINCÓN, Omar; MARTÍN-BARBERO, Jesús. Mapa Insome 2017: ensayos sobre el sensorium contemporáneo, un mapa para investigar la mutación cultural. In: JACKS,

dialógicos dos sujeitos em formação e em interação com os sujeitos do lugar. Em cooperação, os sujeitos dialógicos atuam para a pronúncia do mundo e o compromisso coletivo, visando melhorar o clima dialógico e o exercício da cidadania por meio de uma gestão da comunicação compartilhada. Nesse intuito, desenvolvemos o conceito de dialogia educomunicativa, que eleva a ambiência do espaço formativo, definido como

vivência sensível que amplia as relações de sujeitos-dialógicos no ecossistema formativo jornalístico com o cultivo de práticas pedagógico-comunicacionais fomentadas pela justiça social, produção colaborativa, exercício da cidadania no território educativo e por competências educomunicativas do jornalismo como emancipação cultural, que fundamentam os itinerários formativos²².

Os conceitos de ecossistema formativo jornalístico e de dialogia educomunicativa são fundamentais para a formação jornalística. Enquanto a dialogia educomunicativa potencializa as competências do egresso para atuação no contexto social, o ecossistema formativo jornalístico se amplia nas possibilidades dessa dialogia. Para sua efetivação, contamos com as práticas pedagógico-comunicacionais a serem desenvolvidas por meio de estratégias comunicacionais para intensificar as relações de saber-poder-fazer-conviver na formação²³ com programas interventivos elaborados em colaboração com as áreas de intervenção. Por sua vez, esses programas se vinculam aos ODS e às temáticas da extensão universitária: educação; cultura; comunicação; trabalho; meio ambiente; saúde; direitos humanos e justiça; tecnologia e produção.

Para uma prática dialógico-cidadã interventiva, a síntese cultural²⁴, elemento da ação dialógica freireana e antítese da invasão cultural, possibilita que a extensão universitária não ignore os saberes locais ao fomentar a participação, a colaboração e o protagonismo dos envolvidos. Isso será alcançado com uma agenda de resistência que observe o fenômeno comunicacional com foco nos processos, práticas e experiências de cultura, e não apenas no jornalismo, na mídia e na tecnologia²⁵. Dessa forma, a educação pode ser vista como “uma forma de intervenção no mundo”²⁶, enquanto forma cidadãos ativos, criativos e dialógicos, dispostos a reverter a realidade social injusta e desigual.

Além da introdução e das considerações inacabadas, o artigo é organizado em quatro tópicos. No primeiro, discutimos as práticas pedagógico-comunicacionais em interação com as pedagogias freireanas, emergentes e do jornalismo, aderentes à dimensão dialógico-cidadã. Em seguida, abordamos os indicadores educomunicativos do percurso formativo no contexto sociocultural. Os itinerários educomunicativos e as trilhas de saberes como processo dialógico e cidadão para fortalecer os espaços formativos são apresentados no terceiro tópico. Ao final, apresentamos a justificativa da opção pelo termo itinerários.

Nilda; SCHMITZ, Daniela; WOTRICH, Laura (org.). **Un nuevo mapa para investigar la mutación cultural: diálogo con la propuesta de Jesús Martín-Barbero**. Ed. Omar Rincón. Trad. Fabrícia Reginato. Quito: Ediciones Ciespal, 2019. p. 17-23.

21. PEREIRA, Antonia Alves. **Formação em jornalismo**: um estudo de projetos pedagógicos e práticas comunicacionais em diferentes regiões brasileiras. 2023. 315 f. Tese (Programa de Comunicação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023. p. 98.

22. *Ibid.*, p. 77.

23. *Ibid.*, p. 209.

24. FREIRE, 2018a, p. 245-253.

25. RINCÓN, Omar. Mutaciones bastardas da comunicación. **MATRIZes**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 65-78, 2018. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v12i1p65-78>

26. FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz & Terra, 2018b, p. 96.

2. AS PRÁTICAS PEDAGÓGICO-COMUNICACIONAIS

Entre as áreas de intervenção da Educomunicação, está a pedagogia da comunicação, que se interessa pelo cotidiano da didática para prever a multiplicação da ação dos agentes educativos por meio de projetos, conforme Soares²⁷. Sua inspiração parte da concepção de Penteado²⁸, que a vê como uma metodologia da comunicação escolar vinculada à capacidade comunicacional humana, à vivência da didática e à prática da educação num processo de comunicação com tecnologias comunicacionais que possibilitam exercer poder transformador para a educação escolar formadora e reveladora, servindo como suporte para o exercício pleno da cidadania.

Por sua demarcação no processo ensino-aprendizagem, Mello²⁹ problematizou esse enfoque na didática e propôs sua ressignificação para práticas pedagógico-comunicacionais com estratégias comunicacionais que auxiliem no desenvolvimento das competências de diálogo, escuta mútua, organização e expressão do pensamento, gestão comunicativa e seu uso, colaboração e compartilhamento, tomada de decisões, resolução de problemas e avaliação/autoavaliação. Essa proposta deve ser concretizada com indicadores educomunicativos: ações de diálogo – escuta mútua, pensamento coletivo, pontos de vista distintos, compartilhamento e reflexão sobre ideias, além da pluralidade de novas ideias; gestão da comunicação compartilhada – ação comunicativa, apropriação e manejo das linguagens da comunicação e leitura crítica dos meios; participação e protagonismo em diferentes níveis: planejamento, operacionalização, avaliação, condução, colaboração plena e autônoma, e tomada de decisões; além das novas relações entre professores e alunos, baseadas em competências educomunicativas adquiridas no percurso: diálogo (pensar e construir conjuntamente), escuta mútua, organização e expressão do pensamento (reflexão), colaboração, compartilhamento (experiências e ideias), gestão da comunicação compartilhada da comunicação e uso das tecnologias da informação e comunicação, tomada compartilhada de decisão, resolução conjunta de problemas e avaliação (entre os pares e autoavaliação).

Por sua vez, esses indicadores foram ressignificados para receber os elementos da ação dialógica (união, colaboração, organização e síntese cultural)³⁰ e as mediações do mapa das mutações contemporâneas (identidades, narrativas, cidadanias e redes)³¹, proposta culminada na cartografia para ecossistemas formativos jornalísticos (Figura 1), a ser examinada para averiguar a formação do jornalista em interlocução com os territórios vulneráveis, no que Santos denomina território usado e acontecer solidário, ou seja, espaços de todos (banal) e hegemônicos³², respectivamente.

Esse panorama situacional indica que há espaço para as pedagogias emergentes que despertem os sujeitos, em formação, a serem desenvolvidas com a mediação dos professores e do coordenador, em torno de uma práxis formativa que se torne visível pelo exercício da cidadania e da comunicação democrática, dialógica e participativa³³, articulando-se à prática extensionista

27. SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, a aplicação, o profissional**. São Paulo: Paulina, 2011. p. 48.

28. PENTEADO, Heloísa Dupas (org.). **Pedagogia da comunicação: teorias e práticas**. São Paulo: Cortez, 2001. p. 14.

29. MELLO, Luci Ferraz. **Educomunicação e as práticas pedagógico-comunicacionais da avaliação formativa no ensino básico**. 2016. 374 p. Tese (Programa de Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. p. 86; 134; 138.

30. FREIRE, 2018a, p. 226-255.

31. RINCÓN; MARTÍN-BARBERO, 2019, p. 17-23.

32. SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: espaço e tempo: razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2020. (Coleção Milton Santos; 1). p. 270.

33. ROSA, 2020, p. 22.

como intervenção. Essa proposta, que integra teoria e prática no percurso formativo, desperta o egresso para ser um profissional sensível frente aos gritos do território, dando condições para que a pedagogia do jornalismo se fortaleça, como demonstra a experiência dos primeiros professores.

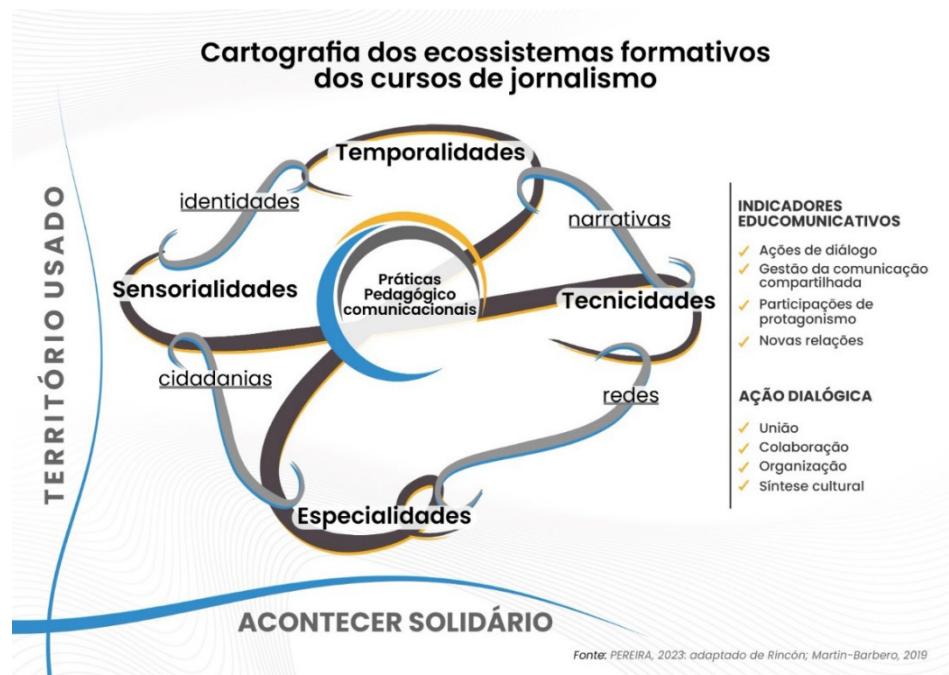


Figura 1: Cartografia barberiana aplicada a ecossistemas formativos

Fonte: Adaptada de Pereira³⁴.

Implantado na década de 1940 como Jornalismo, o curso perdeu sua autonomia ao se tornar mera habilitação de Comunicação Social entre 1969 e 2013, quando as novas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) recriaram o curso de Jornalismo. Nessas cinco décadas, sua práxis ficou comprometida por um currículo preocupado com a formação de um comunicador polivalente. Entre os pioneiros, Danton Jobim e Luiz Beltrão realizaram a integração teoria-prática em um repertório que cuidava da ambiência de aprendizagem, além dos conteúdos. Esse legado teve continuidade com José Marques de Melo e Eduardo Meditsch, que foram ex-alunos de Beltrão e de Marques de Melo, respectivamente.

Na proposta pedagógica de Jobim, o ensino de jornalismo era espaço dialógico para vivenciar um currículo interdisciplinar e integrado na escola (centro de experimentação), aperfeiçoar as técnicas do mercado, articular teoria e prática, e promover equilíbrio entre cultura e técnica com a mediação docente para o estudante/profissional se tornar um estudioso curioso do acervo do conhecimento e dos caminhos a serem descobertos³⁵. Sua docência cuidava da escolha adequada dos métodos de ensino e do planejamento das aulas para evitar o fracasso, além de estar sempre atenta à atmosfera de satisfação dos

34. PEREIRA, op. cit., p. 99.

alunos, para que aprendessem por meio de atividades criadoras e planejadas com linguagem didática. Prática que é intrínseca àquelas dos ecossistemas comunicativos, que cuidam da saúde do ambiente e das relações dos sujeitos, uma vez que todos se comprometem com seu bem-estar.

Marcada por prática educativa e comunicacional, a pedagogia de Beltrão sistematizava a formação profissional dos jornalistas e professores em articulação com o mercado, com uma pedagogia que conjugava o ensino com a formação moral, ética, humanística, e prática para o bem comum. Imbricados aos contextos de vida social, econômica, política e cultural, os planos didático-pedagógicos partiam da visão teórica para a aplicação do conhecimento no jornal laboratório³⁶. Para ele, as instituições democráticas cooperam com o jornalismo livre, vigoroso e respeitado, bem como com a atuação profissional pautada na responsabilidade social e na liberdade; prática que permeia as premissas freireanas e educomunicativas.

A educação como prática de liberdade³⁷ estava presente na ação didático-pedagógica de Marques de Melo como atuação revolucionária e resistência ao contexto da ditadura militar e à imposição do Currículo Mínimo aos cursos de Comunicação Social, assim como em sua prática como pedagogia da comunicação. Para ele, as mudanças seriam alcançadas, não por imposição curricular, mas pela pesquisa universitária e por práticas pedagógicas e profissionais com abertura aos dinamismos sociais para transformações políticas e culturais³⁸. Meditsch³⁹, ao se dedicar à pedagogia do jornalismo, defende que a atividade jornalística é disciplina e prática profissional que atuam na formação de profissionais críticos, competentes e criativos, a fim de torná-los capazes de transformar a realidade a partir dos ideários freireanos.

Na estreia dos pioneiros, a pedagogia do jornalismo e a Educomunicação concebem os sujeitos pelo diálogo e pela cidadania. Para Pinheiro⁴⁰, essas duas perspectivas cooperam para a formação diante das transformações tecnológicas, que dão condições ao jornalista de trilhar os caminhos da cidadania a partir dos códigos éticos no exercício profissional e de valores que concebem a sociedade plural, democrática e igualitária. Esse processo formativo é destinado à formação de cidadãos críticos e sua consolidação acontece pelo diálogo e gestão participativa de processos e de recursos, de modo a propiciar maior equilíbrio entre as relações de saber-poder entre professores e alunos.

Nos cursos de Jornalismo, a ideia de reciprocidade e escuta cotidiana (ouvir, observar e sentir) compreende o que Freire e Guimarães⁴¹ alertaram sobre os meios de comunicação serem instrumento técnico e político a serviço de alguém, não sendo bons nem ruins em si. Uma formação voltada para uma sociedade mais justa propicia condições para a democratização da comunicação pelo diálogo comunicativo, que ajuda os sujeitos a repensarem a experiência do comum no encontro de sujeitos interlocutores que caminham rumo à inquietação, à curiosidade e à inconclusão, em meio aos processos dialógicos que envolvem sujeitos inacabados⁴².

35. JOBIM, Danton. **Pedagogia del periodismo: métodos de enseñanza orientados para la prensa escrita**. Quito: Ciespal, 1964, p. 3-6; 55.

36. BELTRÃO, Luiz. **Iniciação à filosofia do jornalismo**. Rio de Janeiro: Agir, 1960.

37. FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz & Terra, 2019.

38. MARQUES DE MELO, José. Poder, Universidade e Escolas de Comunicação. In: MARQUES DE MELO, José; FADUAL, Ana Maria; SILVA, Carlos Eduardo Lins da (org.). **Ideologia e poder no ensino da Comunicação**. São Paulo: Intercom; Cortez & Moraes, 1979. p. 39.

39. MEDITSCH, Eduardo. **Pedagogia do jornalismo: desafios, experiências e inovações**. Florianópolis: Insular, 2020.

40. PINHEIRO, Rose Mara. O desafio do ensino do Jornalismo frente às mídias móveis. In: PINHEIRO, Elton Bruno; VARÃO, Rafiza; BARCELLOS, Zanei (org.). **Práticas e tensionamentos contemporâneos no ensino de jornalismo**. Brasília: Universidade de Brasília, Faculdade de Comunicação, 2018, p. 119; 126.

41. FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sergio. **Partir da infância: diálogos sobre Educação**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2013. p. 22.

42. FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Tradução: Rosilda Darcy de Oliveira. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1983. p. 38, 45.

A pedagogia do jornalismo carrega em seu âmago a trajetória freireana de saberes também presente no paradigma educomunicativo, possibilitando que venham à tona ações de r-existências para a pronúncia do mundo. Responsável pela saúde do espaço formativo, a gestão da comunicação compartilhada, mediada por um educomunicador, possibilita ações de diálogo, relações dialógicas e participações de protagonismo como potencialidade do clima pedagógico-dialógico-colaborativo. Esse mediador utiliza estratégias comunicacionais para que as relações sejam dialógicas, horizontais e sensíveis no confronto e na interação dos diferentes saberes e interesses confrontadas no ambiente multiterritorial dos ecossistemas.

Para a prática cidadã e educomunicativa do jornalismo como emancipação cultural, os sujeitos realizam a pronúncia do mundo, em veículos contra-hegemônicos e hegemônicos. Isso porque sua práxis formativa se alimentou da sensibilidade para estar em relação com o outro e da força de r-existência para a transformação do mundo, perpassada pela dimensão dialógico-cidadã. Uma prática educativa vivenciada com sensibilidade para ver, ouvir, escutar, sentir e reconhecer as brechas e fissuras, a fim de enfrentar, reafirmar e transformar a matriz colonial do poder-saber⁴³, possibilitando abordar, na transversalidade, temáticas voltadas aos direitos humanos, à educação ambiental, à inclusão, às questões étnico-raciais e de gênero etc.

3. INDICADORES EDUCOMUNICATIVOS E FREIREANOS

Para a existência da cidadania, a ousadia de resistir e de reivindicar com respeito à cultura e à busca de liberdade exige regras de convivência que o ser social aceita para ampliar o processo de viver, de pertencer a um grupo e se comunicar com ele no aprendizado das relações frente à disponibilidade de bens e serviços geridos por usos e gestão territoriais⁴⁴. Perspectiva que se complementa nas premissas freireanas da ação colaborativa e do diálogo crítico alimentada na luta por liberação e no arriscar uma palavra ao encontro de outro algo possível. No emergir do território educativo, os cursos estreitam suas relações com a comunidade, elevando os sujeitos do lugar a coautores em suas produções, além de fontes.

Essas abordagens sistêmicas nos contextos de participação, de trocas reflexivas e da construção de saberes, fortalecem as competências educomunicativas na prática jornalística como emancipação cultural e extensão dialógica. Para potencializar os espaços formativos, propomos itinerários, trilhas de saberes e programas de intervenção. Cada programa aciona duas áreas da educomunicação, sendo impulsionado pela transversalidade da área das práticas pedagógico-comunicacionais (auxiliada pela comunicação, temática da extensão). São eles: ação mediadora: educação para a comunicação e reflexão epistemológica; práxis reflexiva: gestão da comunicação e mediação tecnológica; protagonismo:

43. WALSH, Catherine. *Agripiar la Uni-versidad: Reflexiones interculturales y decoloniales por/para la vida*. Querétaro/México: Universidad Pedagógica Nacional, 2023. p. 156.

44. SANTOS, 2020, p. 12, 80-81.

expressão comunicativa e produção midiática; e vivência holística: comunicação com o transcendente e ecologia total, áreas ainda em estudo.

A Figura 2 ilustra essa articulação, que chama à cena a transversalidade do ODS 17 (parcerias e meios de implementação) com a força motriz de um objetivo para mobilizar cada itinerário, a saber: o ODS 4 é a força do itinerário de educação inclusiva; o ODS 16, do de justiça social; e o ODS 11, do de educomunicação socioambiental. Trata-se de uma proposta que pode ser aplicada a qualquer contexto em que se trabalhe com a Agenda 2030.

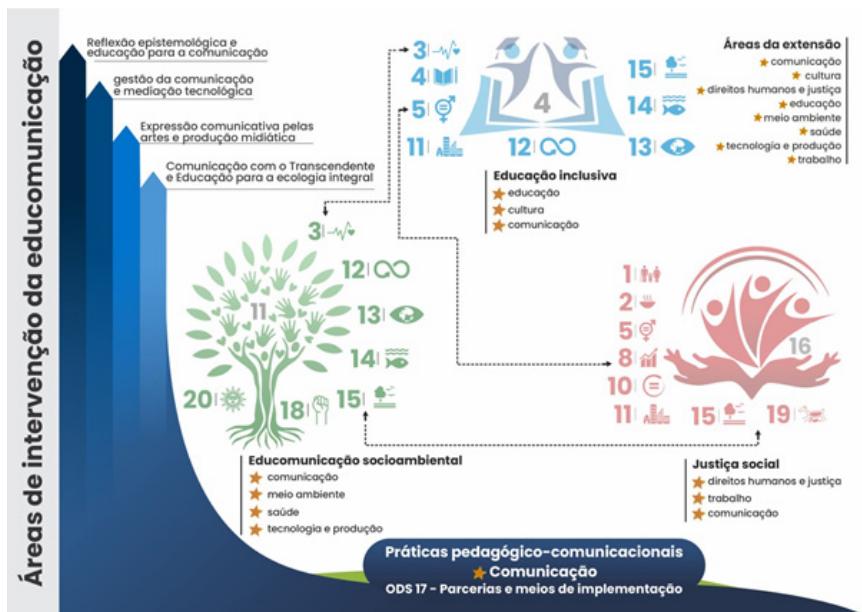


Figura 2: Itinerários educomunicativos para espaços formativos

Fonte: Adaptada de Pereira⁴⁵.

No chão do território usado nos cursos de Jornalismo, os ODS são trabalhados com as estratégias comunicacionais nos referidos programas formativos (ação mediadora, práxis formativa, protagonismo e vivência holística) para auxiliar no clima pedagógico dialógico, na pedagogia do jornalismo e na solidariedade holística e transcendental, que se manifesta no respeito às diferentes crenças, no cuidado com o cosmos e nas relações comunicacionais sustentadas como poder-saber-fazer-conviver na dialogia educomunicativa dos ecossistemas formativos.

No itinerário de educação inclusiva, as ações partem da educação de qualidade (ODS 4) e convocam outros nove objetivos para intensificar o cuidado com a vida — saúde e bem-estar (3) e a vida na água e terra (14 e 15) —, com as ações humanas diante do consumo e produção conscientes (12), das mudanças climáticas (13) e da igualdade de gênero e racial (5 e 18), para a existência de cidades e comunidades sustentáveis (11) por meio de práticas que valorizem a

45. PEREIRA, *op. cit.*

arte e a cultura (19). O percurso é trilhado com a comunicação, a educação e a cultura, temas da extensão.

Avançando nesses cuidados (ODS 3, 12, 13, 14, 15), o itinerário de educomunicação socioambiental, ao partir do ODS 11, concebe as cidades e as comunidades sustentáveis como ecossistemas comunicativos irradiadores de arte e cultura (19) e de práticas para a justiça climática, que incluem os povos indígenas e as comunidades tradicionais (20). As temáticas da extensão convocadas são: comunicação, meio ambiente, saúde, e tecnologia e produção.

Partindo do ODS 16 (paz, justiça e instituições eficazes), o itinerário de justiça social é estabelecido em ações extensionistas voltadas aos direitos humanos e do trabalho, além da comunicação, como expressão do seu comprometimento com a erradicação da pobreza e da fome (1, 2), da redução das desigualdades (10), do fortalecimento da igualdade de gênero e racial (5, 18), do trabalho decente e o crescimento econômico (8) e o cuidado com o planeta em vista da sustentabilidade urbana e climática (11, 12).

Esses itinerários ajudam a romper com lógicas colonialistas (conquista, dividir para manter a opressão, manipulação e invasão cultural⁴⁶), que ampliam as ações dialógicas (união, colaboração, organização e síntese cultural), e as exigências para ensinar/mediar os saberes da *Pedagogia da Autonomia*⁴⁷. Dos ecossistemas formativos aos lugares da extensão, os sujeitos em formação e aqueles que participam das ações alimentam a práxis formativa para uma educação intervenciva, libertadora, humanista e dialógica.

4. A CARTOGRAFIA DOS INDICADORES EDUCOMUNICATIVOS

Conforme mencionado anteriormente, a ação dialógica compromete os sujeitos nas suas interações cotidianas, podendo ser vista na cartografia barbeiriana, que se move por eixos–mediações que se apresentam nos fluxos espaço-temporais (temporalidades/espacialidades) e nos tecnossensoriais (tecnicidades/sensorialidades). De sua confluência surgem as mediações das identidades, narrativas, cidadanias e redes que, integradas aos indicadores, elaboram os programas para ecossistemas formativos autênticos e dialógicos. Isso porque, não sendo natos, precisam ser cuidados na triade dialógico-cidadã das ações de diálogo-identidades-união, gestão da comunicação compartilhada-narrativas-colaboração, participações de protagonismo-cidadanias-organização e relações-redes-síntese cultural. A pesquisa doutoral revelou que esses indicadores⁴⁸ aparecem de muitas formas.

O indicador das “ações de diálogo-identidades-união” se faz nas relações dos atores dos cursos, no seu interior e nas interações com a comunidade, manifestando-se pelo diálogo entre os pares, como diálogo social, interdisciplinar, problematizador e intercultural, e ainda numa perspectiva de metodologia, compromisso, expressão e ambiência. Na “gestão da comunicação

46. FREIRE, 2018a, p. 185-226.

47. *Id.*, 2018b.

48. PEREIRA, *op. cit.*, p. 132.

compartilhada-narrativas-colaboração”, as formas de interação revelam uma prática interdisciplinar que integra o currículo formativo ao ensino, pesquisa e extensão, e utiliza estratégias formativas, interdisciplinares, metodológicas, pedagógicas e educomunicativo-colaborativas. No indicador “participações de protagonismo-cidadanias-organização”, percebeu-se que temáticas e ações voltadas para a pluralidade, diversidade e cidadania que envolvem a todos como protagonistas com atitude crítico-reflexiva e colaborativa. As “novas relações-redes-síntese cultural” revelam com mais intencionalidade a dimensão dialógico-cidadã como transversal ao processo formativo e extensionista, com disciplinas com foco no jornalismo local/ambiental, incluindo uma perspectiva cultural, de direitos humanos e emancipatória, demonstrando que as novas relações resultam de atitudes, mediações, diversidades, troca de saberes e do senso de pertencimento.

Há que se destacar que nem sempre as disciplinas são conduzidas de modo dialógico, mesmo que sua ementa possibilite essa prática. A contribuição de um educomunicador, isto é, do mediador com competências educomunicativas, é fundamental no ecossistema formativo jornalístico para que ajude a suscitar oportunidades de diálogo, mesmo quando se apresentam diante dele apenas brechas ou fissuras de possíveis espaços de escuta e abertura. É importante destacar que muitos cursos já estão nesse processo, porque buscam implementar em suas ações as premissas de Paulo Freire em torno de processos dialógicos e de emancipação social.

Como ecossistema formativo, o interior do curso de Jornalismo está envolto em fluxos de comunicação que podem ser abertos, descentralizados ou interdiscursivos. Nesse percurso, é possível ampliar a densidade comunicacional e a resistência dos lugares⁴⁹, inserido ações participativas para trocas plurais e diversas no cotidiano que ampliem as vozes e contribuam para diminuir as desigualdades, a partir de atitude sensível às demandas do lugar de encontro, que suscita práticas dialógicas e emancipatórias. Esse é também o espaço da práxis freireana e da pedagogia do jornalismo para a prática jornalística emancipatória e educomunicativa.

5. POR QUE ITINERÁRIOS EDUCOMUNICATIVOS?

O termo itinerário indica um caminho a ser percorrido num percurso formativo que se estrutura com elementos didáticos, metodológicos e educomunicativos para tornar o currículo flexível, interdisciplinar e aberto, capaz de alterar espaços e os processos, em consideração aos ritmos, escolhas e possibilidades dos estudantes, enquanto valoriza a dimensão humana, comprometida com a formação jornalística para a justiça social. Assim, propomos itinerários por meio de estratégias dialógicas, inclusivas, críticas e cidadãs para acompanhar a mutação que acontece na educação para os percursos individualizados e os caminhos de aprendizagens.

49. PASTI, André. **Mídia, território e comunicação ascendente**: políticas e disputas para a democratização da comunicação na Argentina. 2018. 305f. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018, p. 161.

Em sua elaboração, as ações precisam ser planejadas, avaliadas e sistematizadas na perspectiva dialógica, conforme Padilha⁵⁰, Romão⁵¹ e Jara⁵², além de compreender o diálogo, que não é fácil, considerando as opiniões que vão sendo reveladas em redes de convivência como pressupostos que precisam ser superados⁵³. O percurso didático-pedagógico, alinhado às premissas educomunicativas, sustenta uma prática metodológica que também é dialógica, participativa e mobilizadora do exercício da comunicação para a prática cidadã⁵⁴ em direção a um percurso de construção de relações entre os sujeitos, o planeta e a sociedade, para a promoção e defesa dos direitos humanos⁵⁵.

O saber-poder-fazer-conviver da ação política desses itinerários será capaz de indagar o “por que aconteceu isso e não aquilo”⁵⁶, enquanto se recupera o processo vivido para comunicá-lo e gerar novas experiências. Os programas interventivos abrem caminhos para a reflexão de percursos pedagógicos sensíveis aos dilemas sociais em territórios vulneráveis. Como trabalho coletivo, a trilha formativa fomenta o trabalho coletivo, conectando pessoas, assuntos, pautas, produtos e perspectiva para uma aprendizagem mais inclusiva e autônoma, que possibilite à sociedade ser mais inclusiva, equitativa e sustentável. A dimensão dialógico-cidadã dessa prática emancipatória no território disseminta informações de qualidade e de interesse público, alcançando as pessoas do lugar pela/para/com a produção jornalística.

50. PADILHA, Paulo Roberto. **Planejamento dialógico: como construir o projeto político-pedagógico da escola.** 9. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

51. ROMÃO, José Eustáquio. **Avaliação dialógica: desafios e perspectivas.** 9. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

52. JARA, Oscar H. **Para sistematizar experiências.** Tradução: Maria Víviana Resende. Brasília: MMA, 2006. v. 2, p. 11-17.

53. BOHM, David. **Diálogo: comunicação e redes de convivência.** (editado por Lee Nichol). Tradução: Humberto Manotti. São Paulo: Palas Athenas, 2005. p. 83, 95.

54. SOARES, op. cit., p. 84-94.

55. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES E PROFISSIONAIS EM EDUCOMUNICAÇÃO. **Trilha de Saberes da Revista Casa Comum passa a integrar site da ABPEducom.** São Paulo: ABPEducom, 2023.

56. JARA, op. cit., p. 11-17.

6. CONSIDERAÇÕES INACABADAS

Os itinerários apresentados vêm sendo conhecidos em publicações específicas. Como ideia inovadora, os itinerários são uma práxis transformadora para ações em territórios vulneráveis, a serem desencadeadas pelas ações dos cursos nos lugares de sua inserção, a fim de ajudar a resolver dilemas sociais que possam contribuir na transformação social. Na tese que deu origem a essa proposta, percebemos alguns cursos atuando com produção midiática e educomunicativa em escolas, sindicatos e associais, o que demonstra que acreditam que iniciativas dialógicas e cidadãs são elementos para a transformação dos sujeitos do entorno. Dentre eles, destacamos cursos de instituições que apresentaram mais de uma ação: Universidade Estadual da Bahia, Universidade Federal de Uberlândia, Centro Universitário de Lorena, Universidade Federal de Goiás, Escola Superior de Propaganda e Marketing. A produção midiática, área de intervenção da educomunicação, quando desenvolvida dentro de um veículo de comunicação por um egresso com esse perfil, será capaz de compreender a dimensão dialógico-cidadã para a emergência de territórios educativos.

A partir da aplicação dos referidos itinerários, as incertezas podem ser permeadas por um esperançar que apresente um horizonte para uma vivência dialógico-cidadã como expressão da pronúncia do mundo, que conclame as metas dos ODS para uma sociedade justa, equitativa, solidária, sustentável e comunicativa. São nas brechas e fissuras da desigualdade que os atores percebem

como atuar com um olhar de esperança-confiança para a justiça social e climática. Assim, o jornalismo emancipatório se materializa sem aquele receio de transgredir o que se convencionou chamar de “neutralidade jornalística”, para assumir distintos pontos de vista, a fim de fortalecer a posição inicial com um compromisso ético e autêntico.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES E PROFISSIONAIS EM EDUCOMUNICAÇÃO. **Trilha de Saberes da Revista Casa Comum passa a integrar site da ABPEducom**. São Paulo: ABPEducom, 2023.

BELTRÃO, Luiz. **Iniciação à filosofia do jornalismo**. Rio de Janeiro: Agir, 1960.

BOHM, David. **Diálogo**: comunicação e redes de convivência. Tradução: Humberto Manotti. São Paulo: Palas Athenas, 2005.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 11, p. 89-117, 2013. <https://doi.org/10.1590/S0103-33522013000200004>

BRASIL. Resolução CNE/CES nº 1, de 27 de setembro de 2013. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Jornalismo. **Diário Oficial da União**: Brasília, 2018.

BRASIL. Resolução CNE/CES nº 7, de 18 de dezembro de 2018. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação - PNE 2014-2024 e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: Brasília, 2018.

CABRAL, Raquel; GHRE, Thiago (org.). **Guia Agenda 2030**: integrando ODS, educação e sociedade. São Paulo: Lucas Fúrio Melara; Raquel Cabral, 2020.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sergio. **Partir da infância**: diálogos sobre Educação. São Paulo: Paz & Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2018a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2018b.

- FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 7. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1983.
- HAESBAERT, Rogério. **Território e descolonialidade:** sobre o giro (multi) territorial/de(s)colonial na América Latina. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Clacso; Niterói: PPGG-UFU, 2021.
- JARA, Oscar H. **Para sistematizar experiências.** Brasília: MMA, 2006. v. 2.
- JOBIM, Danton. **Pedagogia del periodismo:** métodos de ensenanza orientados para la prensa escrita. Quito: Ciespal, 1964.
- MARQUES DE MELO, José. Poder, Universidade e Escolas de Comunicação. In: MARQUES DE MELO, José; FADUAL, Ana Maria; SILVA, Carlos Eduardo Lins da (org.). **Ideologia e poder no ensino da Comunicação.** São Paulo: Intercom; Cortez & Moraes, 1979. p. 31-41.
- MARQUES DE MELO, José. **Comunicação:** teoria e política. São Paulo: Summus, 1985.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A comunicação na educação.** Tradução: Maria Immacolata Vassallo de Lopes e Dafne Melo. São Paulo: Contexto, 2014.
- MEDITSCH, Eduardo. **Pedagogia do jornalismo:** desafios, experiências e inovações. Florianópolis: Insular, 2020.
- MEDITSCH, Eduardo; KRONBAUER, Janaíne; BEZERRA, Juliana Freire. (org.). **Pedagogia do jornalismo:** desafios, experiências e inovações. Florianópolis: Insular, 2020.
- MELLO, Luci Ferraz. **Educomunicação e as práticas pedagógico-comunicacionais da avaliação formativa no ensino básico.** 2016. 374 f. Tese (Programa de Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- MIGNOLO, Walter. **Desobediencia epistémica:** retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad. Argentina: Ediciones del Signo, 2010.
- MOREIRA, Sonia Virgínia. **Geografias da comunicação, uma disciplina.** 4º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Curitiba, 4-9 set. 2017.
- OLIVEIRA, Dennis de. **Jornalismo e emancipação:** uma prática jornalística baseada em Paulo Freire. Curitiba: Appris, 2017.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.** Genebra: ONU, 2015. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 6 jan. 2025.

PADILHA, Paulo Roberto. **Planejamento dialógico**: como construir o projeto político-pedagógico da escola. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

PASTI, André. **Mídia, território e comunicação ascendente**: políticas e disputas para a democratização da comunicação na Argentina. 2018. 305 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

PENTEADO, Heloísa Dupas (org.). **Pedagogia da comunicação**: teorias e práticas. São Paulo: Cortez, 2001.

PEREIRA, Antonia Alves. **Formação em jornalismo**: um estudo de projetos pedagógicos e práticas comunicacionais em diferentes regiões brasileiras. 2023. 315 f. Tese (Programa de Comunicação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <http://www.bdtd.uerj.br/handle/1/21730>. Acesso em: Acesso em: 6 jan. 2025.

PINHEIRO, Rose Mara. O desafio do ensino do Jornalismo frente às mídias móveis. In: PINHEIRO, Elton Bruno; VARÃO, Rafiza; BARCELLOS, Zanei (org.). **Práticas e tensionamentos contemporâneos no ensino de jornalismo**. Brasília: UnB-FAC, 2018, p. 119-126.

RINCÓN, Omar. Mutaciones bastardas da comunicação. **MATRIZes**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 65-78, 2018. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v12i1p65-78>

RINCÓN, Omar; MARTÍN-BARBERO, Jesús. Mapa Insome 2017: ensayos sobre el sensorium contemporáneo, un mapa para investigar la mutación cultural (Idea y argumento: Jesús Martín-Barbero; Interpretación libre Omar Rincón). In: JACKS, Nilda; SCHMITZ, Daniela; WOTRICH, Laura (org.). **Un nuevo mapa para investigar la mutación cultural**: diálogo con la propuesta de Jesús Martín-Barbero. Ed. Omar Rincón. Tradução: Fabrícia Reginato. Quito: Ediciones Ciespal, 2019. p. 17-23.

ROMÃO, José Eustáquio. **Avaliação dialógica**: desafios e perspectivas. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ROSA, Rosane. Epistemologias do Sul: desafios teórico-metodológicos da educomunicação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 20-30, 2020. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v25i2p20-30>

SANTOS, Milton. O retorno do território. In: OSAL: Observatório Social de América Latina. **Territorio y movimientos sociales**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. a. 6, n. 16. p. 255-261.

SANTOS, Milton et al. **O papel ativo da Geografia**: um manifesto. Encontro Nacional de Geógrafos. Florianópolis, 2000.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço:** espaço e tempo: razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2020.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação:** o conceito, a aplicação, o profissional. São Paulo: Paulina, 2011.

WALSH, Catherine. **Agripiar la Uni-versidad.** Reflexiones interculturales y decoloniales por/para la vida. Querétaro/México: Universidad Pedagógica Nacional, 2023.